

LITERATURA PARA A INFÂNCIA, MATERIALIDADE E TRADIÇÃO: NOTAS SOBRE FORMAÇÃO LEITORA NAS OBRAS DE HORÁCIO DÍDIMO¹

Cynthia Kelsiane Rocha dos Santos

Renata Moreira

Algumas palavrinhas iniciais

O lúdico lúcido transforma
o fantástico em maravilhoso.

Horácio Dídimo

A literatura infantil, por muito tempo considerada um subgênero, nos últimos tempos, virou alvo da atenção de educadores, escritores e diversos outros profissionais, notadamente aqueles ligados ao universo do livro. Os motivos desse interesse advêm, em parte, de estudos que apontam a leitura como elemento imprescindível ao crescimento intelectual e à afirmação cultural do indivíduo. Esse processo, tendo início quando criança, parece apresentar resultados bastante satisfatórios. De acordo com Lígia Cademartori,

Se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. É nessa dimensão que ela se constitui em meio emancipatório que a escola e a família, como instituições, não podem oferecer (2006, p.19).

¹ Parte das considerações aqui apresentadas são fruto de monografia de conclusão de curso, aprimoradas, todavia, pelas reflexões advindas do amadurecimento das discussões e pela ampliação da temática fruto do pensamento das pesquisas da segunda autora. A referência completa do trabalho encontra-se ao fim deste capítulo.

Nesse sentido, é interessante uma atual designação da literatura infantil a um *locus* diferenciado daquele que muitas vezes lhe era reservado. O surgimento desse gênero está ainda intimamente ligado à Pedagogia, já que, em seus primórdios, as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento de educação e de moralidade. Importa fazer notar aqui, entretanto, o potencial de emancipação e a abertura de possibilidades que o leitor pode alcançar por meio desse nicho, enfatizados pela ensaísta citada.

Neste capítulo, pretendemos direcionar um olhar para a produção literária de um autor cearense, Horácio Dídimo, estritamente em sua feição de escritor para o público infantil. Interessa-nos especialmente a obra *As Historinhas do Mestre Jabuti*. Referir-nos-emos a questões como a materialidade do objeto livro, reavivamento de uma tradição, bem como a formação de leitores por meio da escrita literária do autor em foco.

A literatura para crianças – que bicho é esse?

No labirinto da Literatura Infantil, a poesia, ainda que esquecida, nunca estará perdida. Mesmo quando se cala - amarga - da boca pra fora, na canção, ai de nós se não adoçar por dentro o coração.

Horácio Dídimo

O termo “literatura infantil” ganhou, pelo uso, o *status* de uma categoria, instrumento de trabalho e referência que abriga uma série de produções muito divergentes entre si. Uma das polêmicas mais recorrentes em torno desse gênero literário refere-se ao emprego do adjetivo “infantil”. Ele determina o público que recepcionará o conteúdo ali exposto e, por esse motivo, pede linguagem própria e abordagem de temas cuidadosamente elaborados, pois o destinatário maior desse portador ainda está em formação e não tem plenas condições de discernimento da moral, dos valores e das atitudes. De acordo com Cademartori,

A literatura, enquanto só substantivo, não determina seu público. Supõe-se que este seja formado por

quem quer que esteja interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe, *a priori*, o que interessa a esse público específico (2006, p.8).

Esse direcionamento, todavia, funciona como um (de)limitador dentro do campo literário. Ora, sabemos, com Pierre Bourdieu (2009), que os campos são espaços parcialmente estáveis em que se configuram lutas contínuas pelo poder da voz. Essas disputas são importantes na medida em que estabelecem o que é aceito e valorizado pelos pares, gerando uma carga de capital simbólico associado aos produtos, fazeres, processos e, no caso específico deste campo, aos autores.

A adjetivação que acompanha o produto de literatura infantil, como comentado acima, parece incitar uma discussão sobre seu pertencimento. Ora, a literatura dita canônica não comporta adjetivações. Nesse sentido, alguns apensamentos ao objeto literário insinuam, dentro do campo, uma marcação que lhe confere valores diferenciados – pejorativos, em sua maioria. Assim, é recorrente que os autores que se enfaixam dentro de grupos alcunhados como literatura *infantil*, literatura *negra*, literatura *feminina*, *de massa* etc. sejam, muitas vezes, pré-avaliados não por suas produções, mas pelo valor simbólico que tais denominações agregam. Regina Dalcastagnè avalia o problema: “são páginas e páginas para dizer ‘isso é literatura’, antes de começar a discutir a obra – o que não é, absolutamente, exigido na análise de um autor melhor situado no campo literário” (2012, p.10). Talvez, como sugere José Eduardo Agualusa², ele próprio autor de textos para o público não-adulto, fosse mais interessante usar o termo “literatura para crianças” e não “literatura infantil”, marcando o público-alvo, porém recusando a pecha de infantilização deste fazer, que parece acompanhar o termo. Todavia, um vocábulo não é só o que diz, mas o que se faz dele – e o uso consagrou, no Brasil, a expressão “literatura infantil”. Pelo menos, até que se prove o contrário.

2 Observação feita pelo autor durante o evento “Conversa com o escritor”, promovido pelo CEFET-MG e FacisaBH, no dia 07 de julho de 2016, em Belo Horizonte – MG, mediado pela professora Renata Moreira, coautora deste capítulo.

Marcados pela função pedagógica, os textos de literatura infantil serviram durante muito tempo para moldar o comportamento das crianças. Tais textos eram utilizados como exemplos – a serem seguidos ou não, com suas respectivas consequências –, sempre com a finalidade de instrução. Mesmo nos dias atuais, permanece em parte essa característica, o que reforça a sua classificação no campo literário.

Todavia, com o avanço desse fazer, autores renomados passaram a escrever textos para crianças, agenciando cada vez mais, de modo inovador, a linguagem, os paratextos, o potencial imagístico dos livros, desvinculando tal literatura de uma feição unicamente pedagógica. Esses movimentos reconfiguraram em parte a recepção crítica e criaram novas possibilidades para o leitor almejado. Gerou-se, assim, concomitantemente, a necessidade de teoria e crítica, como qualquer outra literatura. À pergunta “por que estudar literatura infantil?”, Peter Hunt responde com “porque é importante e divertido” (2010, p.43). Hunt enfatiza ainda o histórico dessa literatura no conjunto mais amplo das grandes obras literárias: “a literatura infantil pode ser justificada nos *mesmos termos* que a literatura para adultos; um ‘cânone’ de grandes livros que possa ser colocado ao lado *dos* ‘grandes livros’, de Lewis Carroll em diante” (2010, p.44).

O ensaísta inglês advoga ainda que, em relação à sua conceituação, o “bom” em literatura infantil sempre vem acompanhado de uma feição transitiva, o “bom para”. Nesse sentido, um “bom” livro de literatura infantil pode ser bom por uma série de razões pragmáticas que não necessariamente seriam aplicáveis ao restante do campo literário. E rememora a frase de W. H. Auden: “não há bons livros que sejam apenas para crianças” (*apud* HUNT, 2010, p.75).

Mas o que diferencia esse tipo de escrita do restante da produção literária?

Livros de ver, ouvir, tocar, sentir – ou a importância da materialidade

Será que é mesmo cega a palavra pedra?

Horácio Dídimo

É notório que, ainda que se discuta que o receptor da literatura infantil não precise ser somente a criança, como nos provoca Auden, é para ela que o livro é concebido. No entanto, Peter Hunt desafia: “É perigoso generalizar sobre ‘livros para crianças’ – provavelmente nunca generalizaríamos sobre todos os livros para adultos. Mas uma característica que todos os livros infantis compartilham é a ideia da ‘criança’ ou da ‘infância’” (2010, *online*). Tal colocação nos coloca uma questão premente: qual é o tipo de criança pré-visualizada na concepção do livro de Horácio Dídimo?

O jogo imagético que a literatura infantil proporciona, tanto pelas ilustrações quanto pela própria narrativa, torna a compreensão de mundo mais instigante para a criança, pois a partir da percepção espontânea dos signos, de sua conceituação e reflexão, o ser infantil, com sua capacidade lúdica, passa a tratar a atitude de conviver com a leitura como um brinquedo ao qual ele pode se reportar e utilizar, através do simbolismo da linguagem, para se estruturar afetiva e intelectualmente, respondendo pouco a pouco às suas necessidades.

A apresentação sintética, simbólica e essencial de conflitos que atingem as personagens nos contos de fadas permite aos ouvintes a elaboração, igualmente simbólica dos seus. Desse modo, os contos, sejam clássicos ou populares, facultam não só a identificação como, também, possibilitam uma prospecção, ou seja, a reformulação das expectativas pela apresentação de novas perspectivas (CADEMARTORI, 2006, p.84).

Algo a ser levado em conta na concepção de um livro infantil relaciona-se, como há muito já se sabe, às ilustrações. Antes vistas como acessórios, hoje, entende-se que o conteúdo imagético é parte vital para

este tipo de produção e deve ser amalgamado ao enredo, de modo que falem a mesma língua. Fala-se, sem favor de nenhuma espécie, de uma coautoria entre escritor e ilustrador.

Para além dos desenhos, todo o aspecto material deve ser levado em conta: desde o formato, textura, tamanho da letra, cor. Todos esses elementos são fundamentais para a experiência leitora, na medida em que o leitor infantil vivencia de modo um tanto diverso o contato com o livro. Enquanto o adulto prende-se, muitas vezes exclusivamente, ao enredo, a criança experimenta o toque, a imagem, o aspecto lúdico da história contada.

Como tais aspectos aparecem no texto de Horácio Dídimo é o que nos interessa, a partir de agora, avaliar.

Horácio Dídimo – quem é o herói da nossa história?

É o poeta que escreve a palavra
ou é a palavra que transcreve o poeta?

Horácio Dídimo

Horácio Dídimo é um escritor cearense, como já largamente apresentado neste livro, o que dispensa a hercúlea tarefa de introduzi-lo a quem, porventura, ainda não tenha tido contato com suas obras. Além de vários outros aspectos, é interessante, no percurso do autor, a íntima relação que estabelece entre os estudos de Teoria Literária e a produção de Literatura Infantil. Professor dessa disciplina, Dídimo parece concentrar em seu fazer tudo aquilo que julga imprescindível, tanto no trato com a palavra escrita, quanto naquilo que atrai o olhar e a curiosidade infantil.

Além de professor, Dídimo é poeta, cuja produção para adultos dialoga com um fazer de feição concretista. Nisso evidencia-se uma extrema sensibilidade aos aspectos verbivocovisuais dos textos, o que o habilita a brincar com as palavras, inclusive espacialmente – algo sobremaneira importante para um autor de literatura infantil.

Além da obra por nós escolhida para um olhar mais demorado, Dídimo também escreveu para o mesmo público *As reinações do rei; Festa do Mercadinho; Historinhas cascudas; A escola dos bichos* e uma série de obras para o público adulto, entre elas *Tempo de Chuva; A Palavra e a palavra; Tijolo de barro* etc.

Em *As historinhas do Mestre Jabuti*, algumas linhas de força encontram-se no trato com a palavra. São elas: o convite ao lúdico; o resgate da tradição e a própria reflexão sobre a literatura infantil. Acerca do último ponto, é vital a citação à sua conhecida obra ensaística “As funções da Literatura Infantil”. Ora, com recurso ao próprio Mestre Jabuti, personagem de uma das várias historinhas contadas no livro, as aplicações da ficção para crianças são discutidas. Senão, vejamos.

Sete finalidades são elencadas por Dídimo. São elas: divertir, emocionar, educar, conscientizar, instruir, integrar e libertar. Instigante na sua argumentação é o uso das historinhas, seguidas de provocações acerca da compreensão dos adultos. Desse modo, temos: “A arte literária é uma manifestação da *criatividade* através do poder poético-lúdico da palavra” (DÍDIMO, 1986, p.33). Entretanto, nós, adultos sabidos, somos aqueles que não entendem essa criatividade.

Sobre a segunda função, emocionar, Dídimo enfatiza: “a arte literária é uma manifestação de *sensibilidade*, através do poder expressivo-catártico da palavra (1986, p. 34). Os adultos sabidos, todavia, recusam, amargurados, essa sensibilidade. Em relação à educação, diz Dídimo que “a arte literária é uma manifestação de *maturidade*, através do poder apelativo-pragmático da palavra”. Nesse ponto, os adultos sabidos querem assumir um papel de protagonistas, pois tal função parece coadunar com seus interesses transitivos – uma literatura *para* algo. A quarta função, ademais, diz: “A arte literária é uma manifestação do *discernimento* através do poder metapoético da palavra” (DÍDIMO, 1986, p.35). Os adultos sabidos, aqui, bocejam, entretanto.

Em sua quinta função, temos: “a arte literária é uma manifestação de *conhecimento*, através do poder referencial-cognitivo da palavra” (DÍDIMO, 1986, p.35). Os adultos experientes não entendem a ideia da

formiguinha, tão grande que parece não caber em lugar algum. Já a sexta função da literatura infantil, compreende “uma manifestação de *solidariedade* através do poder fático-sinfrônico da palavra” (DÍDIMO, 1986, p.36). Os adultos versados são desestabilizadores dessa totalidade fraterna concebida pelo literário. Na sétima e última função, vemos Dídimo afirmar: “A arte literária é uma manifestação de *simplicidade*, através do poder comunicativo-humanizador da palavra” (1986, p.36). Os adultos sabidos, todavia, aprenderão a voar com as asas dos passarinhos se forem realmente sabidos, aponta Dídimo.

Tais funções, em diálogo íntimo com os casos do Mestre Jabuti, permitem ler essas histórias pelo seu potencial teórico. Importante, entretanto, notar que tal viés não finaliza as potencialidades de leitura dos textos infantis de Dídimo. A constante menção aos *adultos sabidos* são, possivelmente, uma leitura irônica da necessidade premente de um sentido linear, necessidade essa não solicitada pela criança, cujo potencial lúdico é capaz de imaginar a partir exclusivamente do poético-ficcional.

Em tais histórias, também, um apelo à tradição é fartamente visível. Ora, quem é o Mestre Jabuti, se não um personagem folclórico, violero, contador de histórias e que reúne em si a imagem da sabedoria? Tal convite à tradição faz eco ao legado histórico da própria literatura infantil, que pouco depois de seu nascedouro encontra autores pesquisando no folclore local temas e motivos para a constituição de seus enredos.

As obras de Perrault, por exemplo, caracterizaram-se pelo seu teor didático e pela relação com o popular. Desta forma, acabou por realizar um estreitamento de laços entre literatura popular e a literatura infantil, ainda que remodelada e transcrita. Tal relação tem como base dessa aproximação dois grupos que eram subestimados pela sociedade: o povo, devido à condição social; e a criança, devido à idade. Os irmãos Grimm, por sua vez, procuraram pesquisar relatos em documentos antigos e recolher contos com o intuito de preservar as histórias tradicionais de seu povo. Exemplos de tais tratamentos acumulam-se na história desse fazer.

Assim também Dídimo recolhe da tradição popular diversos motes para suas histórias: por vezes, uma canção, um personagem ou

mesmo um enredo, passado de boca a boca nos serões cearenses, de uma tradição que é nordestina, mas também ibero-americana. Percebe-se, assim, a criança que se depreende leitora da obra de Dídimo.

Ora, depois de Lobato – autor com qual Dídimo dialoga fortemente –, a criança ganhou um lugar central na literatura infantil brasileira e as produções que vieram a seguir procuraram respeitar seu mundo e fornecer padrões de interpretação que visassem integrá-la num contexto social. Foi também a partir dele que aconteceu o desenvolvimento sistemático da literatura infantil no Brasil, que tomou o mercado e transformou-a em bem de consumo adequado aos padrões do sistema capitalista, oferecendo uma quantidade considerável de produções destinadas a crianças de todas as idades. Isso não quer dizer, porém, que todas as publicações sejam interessantes para o manuseio infantil, visto que nem todas têm um trabalho comprometido com as necessidades das mentes infantis. Não se pode perceber a literatura infantil brasileira, hoje, sem atentar para o mercado editorial e entendê-la como nicho altamente rentável.

Todavia, n'*As Historinhas do Mestre Jabuti*, a criança prefigurada é curiosa, com pensamento não-linearizado ainda pela educação formal. É também alguém disposto a sensibilizar-se pelas brincadeiras linguísticas e receptivo à tradição oral. É um pequeno-grande leitor, a dar baile em muito adulto sabido.

O pequeno leitor se forma

A poesia na Literatura Infantil é como um passarinho carrancudo que muitas vezes não conta, mas que canta apesar de tudo. Para divertir, emocionar, educar, conscientizar, instruir, integrar e libertar.

Horácio Dídimo

É comum ouvirmos de pais e professores reclamações sobre o desinteresse das crianças e jovens pela leitura do livro devido ao bombardeio de informações e diversas opções de entretenimento,

consideradas por elas mais interessantes do que aquele objeto cheio de folhas que não fala ou emite sons e que ainda pede concentração para alcançar o entendimento. Este, por sua vez, fica prejudicado pela rapidez com a qual a comunicação acontece atualmente, visto que o processo de leitura se dá de forma mais lenta e gradual.

A maneira mais eficiente, todavia, de mostrar a uma pessoa que ler é relevante e assim torná-la uma leitora é simplesmente fazendo-a sentir na prática que a leitura, além de proporcionar o conhecimento, acima de tudo, proporciona o prazer, a diversão e o deleite de experimentar outras realidades.

A literatura propicia diversos benefícios no processo evolutivo infantil, dentre eles, a constituição de conceitos, fundamental para a emancipação enquanto indivíduo, e o aumento no repertório de informações, o que auxiliará diretamente na escrita, além de possibilitar que a criança possa vivenciar, de forma segura, conflitos pelos quais passará junto às personagens, o que, futuramente, poderá torná-la mais preparada para ultrapassar situações parecidas sem maiores dificuldades.

Todavia, ler Horácio Dídimo, embora possa trazer todos esses benefícios à criança – benefícios esses que agradarão em muito aos adultos sabidos –, é importante pelo potencial de *prazer* que incitará. O *delectare* horaciano – obviamente de um Horácio um pouco mais antigo – nunca foi tão premente. Nesse sentido, é exemplar a fala de Tzvetan Todorov:

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo (2010, p.23).

A longa citação se justifica por ser uma defesa da Literatura – em perigo, segundo Todorov, por um excesso de Teoria. Coisas de adultos muito experientes. O excerto não fala exclusivamente da literatura para crianças... mas, já dizíamos, com Auden: uma boa literatura infantil nunca é somente para crianças, não é?

Considerações Finais

Que a poesia para a criança seja
simples como um dia bem azul

Horácio Dídimo

Foi nosso intento aqui apresentar, ainda que brevemente, dada a concisão do capítulo, uma visão sobre alguns problemas relativos à literatura infantil, especialmente aquela praticada por Horácio Dídimo, no livro *As historinhas do Mestre Jabuti*.

Dídimo é autor que une Poesia à Teoria, Literatura adulta à infantil. Não conseguiríamos, nem é nossa intenção, esgotar os significados presentes em seu fazer literário. Por isso, interessou-nos apontar apenas o potencial de atração que sua obra pode exercer em um leitor que se inicia nos prazeres da leitura.

Mais importante do que falar da obra é incitar a sua descoberta. Esperamos que os leitores, crianças ou adultos, sejam sabidos, sim, mas que, nem por isso, rejeitem sua curiosidade contínua e possam deliciar-se com as aventurinhas desse Mestre.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Una revolución conservadora en la edición. In: *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

CADERMATORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DÍDIMO, Horácio. Poesia e literatura infantil: Reflexões de um passarinho carrancudo. *Revista de Letras*. Fortaleza, 4/5. jul. /dez., 1981; jan./jun., 1982.

DÍDIMO, Horácio. As funções da literatura infantil (À luz das historinhas do Mestre Jabuti). *Revista de Letras*. Fortaleza, 11(2), jul./dez., 1986.

DÍDIMO, Horácio. *As historinhas do Mestre Jabuti*. Ilust. Daniel Diaz. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUNT, Peter. Entrevista – Peter Hunt: “Um bom livro infantil é feito de respeito”. *Cultura - O Globo*. 21 dez. 2010. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/peter-hunt-um-bom-livro-infantil-feito-de-respeito-334171.html>

SANTOS, Cynthia Kelsiane Rocha dos. *As contribuições da Literatura Infantil para a formação de crianças leitoras*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2009. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.